

Nos Braços do Marquês

SPIN-OFF DE UMA DONZELA PARA REDIMIR UM
CANALHA

AMORES EM KENT

LIVRO 5.5

TATIANA MARETO

Nos Braços do Marquês @ 2021. Todos os direitos reservados. Obra protegida pela Lei 9.610 de 1998 (Lei de Direitos Autorais).

É proibida a reprodução gratuita ou a comercialização desta obra sem autorização expressa da autora.

É proibida a reprodução parcial da obra, mesmo que de forma gratuita, sem a indicação dos créditos autorais.

Essa uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Plágio e crime. Crie, não copie.

Capa: Tatiana Mareto

Edição e diagramação: Tatiana Mareto

Para saber mais sobre a autora, visite

<https://tatianamaretoescritora.com>

Classificação indicativa

Eu, autora, adoto por analogia a classificação indicativa de obras audiovisuais do Ministério da Justiça do Brasil (ClassInd) para meus livros.

Nos Braços do Marquês é um livro NR18, ou seja, não recomendado para menores de 18 anos por conter sexo e nudez.



Nota inicial

Esse conto é um spin-off do livro Uma Donzela para Redimir um Canalha, o livro 5 da série Amores em Kent, e conta a história de amor de Constance Smith e o Marquês de Hertford.

Caso você não tenha lido a série Amores em Kent, a história pode conter spoilers dos livros anteriores.

Nos Braços do Marquês contém cenas com descrição gráfica de relações sexuais consensuais e linguagem vulgar. **Não é recomendado para menores de 18 anos.**

Capítulo Um

Hertford não estava muito certo de suas decisões quando chegou à Pinkerton Falls naquela tarde. Talvez porque ele não tomara nenhuma decisão consistente desde que decidira assumir o contrato de casamento de seu falecido pai. Claro que seria uma péssima ideia que acabaria com ele perdendo tempo e gastando um dinheiro que o marquesado não possuía. No fim, terminou retornando para casa solteiro, ainda com muitas dívidas e com um problema diferente para lidar: ele estava encantando por uma mulher.

Não era uma mulher qualquer, mas a mãe da sua ex prometida. Constance Smith, uma mulher madura, com uma experiência singular de vida - apesar da idade, praticamente não vivera nada. Sempre restrita a Nova Iorque e submetida ao marido, ela não conhecia nada além do que lhe era apresentado. E, ainda assim, era inteligente, educada e muito bonita. Ele estava farto de mulheres bonitas, tivera todas as disponíveis - de meretrizes a viúvas, de jovens solteironas que desejavam ardentemente uma experiência carnal a virgens que ele precisou recusar. Mas havia algo em Constance que o fazia desejar estar sempre ao redor dela, a ponto de convidá-la para hospedar-se na propriedade da família nos primeiros dias na Inglaterra.

— Thad! — A irmã o recebeu com um abraço caloroso. — Aonde ela está? Vamos, estou ansiosa por conhecê-la.

Georgiana espiou por sobre o ombro dele para ver a porta, mas nenhuma jovem dama entrou.

— Primeiro teremos que conversar, Georgie. Eu decidi não cumprir o contrato de casamento.

— Por quê? — A jovem, que apenas debutara em Londres, o fitou. — Ela era muito feia?

— Ela estava apaixonada por outro homem. Eu não poderia fazer isso com ela.

— Esse sentimentalismo representará a nossa ruína. — O irmão surgiu, descendo as escadas. — Precisamos daquele dinheiro, Thad. O que faremos agora?

— Amanhã me sentarei com o contador e verei as possibilidades. Mas talvez tenhamos que vender algumas propriedades.

— Não acredito que permitiu que isso acontecesse.

— A culpa por nossa situação financeira não é minha, Benedict. — Ele retirou as luvas e as entregou ao valete. — Não serei punido nem punirei ninguém pelos pecados de nosso pai. Conseguirei uma forma de resolver nossos problemas.

— Case-se com uma herdeira. — Bennie sentenciou. — E assim poderemos ficar calmos.

Talvez fosse a solução mais simples. Havia outras mulheres desesperadas por um marquesado, filhas de homens ricos com dotes vultosos, interessadas em uma troca justa: o título de Marquesa de Hertford pelo dinheiro. Mas, apesar disso, a opção parecia vil demais. Depois do que acontecera nas Américas, Thaddeus passara a acreditar que não valia a pena forçar um casamento.

A conversa não prosseguiu pois Constance entrou pela porta, acompanhada de um criado que a ajudava com as malas de Lucille. Ele precisava descobrir que história inventaria para os irmãos, e precisava ser rápido.

— Benedict, Georgie, quero que conheçam a Sra. Smith. — Hertford apresentou Constance à família. — Ela é esposa de um industrial de Nova Iorque e passará algum tempo na Inglaterra. Ofereci nossa casa para que se hospedasse, por favor não me constranjam.

Georgiana fez uma mesura perfeita ao cumprimentar Constance. Benedict pegou a mão dela e beijou com educação, mas não se demons-

trou convencido da história que lhe fora contada. Seria fácil mentir para a irmã, sempre tão sonhadora e crédula, mas o irmão não era tão influenciável pela lábia de Hertford.

— Se me concedem licença, preciso sair.

— Lembre-se que não podemos gastar uma fortuna nas apostas com seus amigos, Bennie.

— E não precisamos discutir a situação da família na frente dos convidados.

Hertford sorriu, tentando demonstrar que não se incomodava muito com o comportamento errático do irmão.

— Georgie, por que não acompanha a Sra. Smith até seu quarto?

— Se milorde achar melhor eu posso me hospedar em um hotel. — Ela disse, não demonstrando nenhum abalo. — Posso retornar a Londres e...

— De jeito algum. — Ele a interrompeu. — Quando dou minha palavra eu a mantenho, Sra. Smith. Perdoe os modos de meu irmão, estamos apenas nervosos pela situação em que nosso pai nos deixou.

Constance sorriu para ele e seguiu a irmã, que estava mais silenciosa e observadora do que de costume. O relógio marcava duas e meia, ele ainda tinha bastante tempo para analisar estratégias para seu problema de dinheiro. Poderia tentar novos empréstimos, mas nenhum banco daria crédito para um insolvente. Poderia vender algumas propriedades e tentar postergar o pagamento de algumas dívidas, mas as propriedades não davam mais lucro - então, de onde ele tiraria o restante do dinheiro?

Trancou-se no escritório e considerou que talvez precisasse seguir o exemplo dos McFaddens - precisava investir, acompanhar o movimento da economia e trabalhar. Casar-se com uma herdeira só resolveria questões imediatas, mas eles precisavam de soluções mais duradouras.



SENTADA à frente de uma bela penteadeira, olhando-se em um espelho imenso, Constance soube que enlouquecera. O impulso de seguir a viagem no lugar da filha a levou a uma situação que não podia mais ser revertida - ela teve que seguir para Londres e não podia retornar para casa. Nunca mais. Se voltasse a Nova Iorque, morreria pelas mãos de

Walter Smith. O marido nunca poupava esforços em lhe causar mal sem motivos - se soubesse que ela fugira, ele a mataria. Precisava avisar seus filhos sobre seu paradeiro, mas tinha medo. Talvez fosse melhor que pensassem que ela desapareceu, que tomara coragem para fugir de casa depois de vinte e oito anos de submissão moral e física. Constance não era de sentir auto comisseração. Aquela era a vida de mais das metades das mulheres, ela não podia reclamar tanto.

Olhou para as roupas da filha dentro de um baú e sentiu vontade de rir. Por sorte, ela e Lucille não tinham uma estrutura física muito diferente e a filha não era dada às modas mais ousadas das mulheres americanas. Todos os vestidos ali eram sóbrios, sérios e adequados para uma mulher de sua idade. Talvez não tão adequados para a sociedade londrina, para a mais alta classe da nobreza que o marquês deveria frequentar, porém suficientes para que ela pudesse circular pelos ambientes até conseguir descobrir que rumo dar à sua vida. Constance precisava decidir seu destino, o que nunca fizera em toda a sua vida.

— Senhora?

Uma voz à porta chamou sua atenção. Era uma criada uniformizada e muito jovem.

— Pois não?

— Milorde pediu para avisar que o jantar será servido às sete e meia. E Lady Georgiana convidou-a para o chá.

Constance agradeceu com um movimento de cabeça e os olhos assustados da criada a recordaram que, em Londres, não era comum agradecer aos criados. Lucille não se adaptaria àquela realidade, ela até mesmo dizia obrigada às empregadas. Ainda um pouco desorientada, desceu para tomar chá com a irmã de Hertford, que era uma jovem espirituosa, porém tola. Sonhava com casamentos grandiosos e muita riqueza - coisas que não necessariamente lhe trariam felicidade, mas Constance não sabia se deveria dizer-lhe a verdade. Depois de despedir-se da menina, aceitou ajuda da criada para tomar um banho e vestiu-se, pensando no jantar.

Para sua estranheza, apenas Hertford a aguardava no salão quando desceu. Constance olhou ao redor procurando as outras pessoas que deveriam estar ali, ao menos aquelas que cumprimentou, mas estavam sozinhos. Ele se levantou ao vê-la chegar e sorriu, fazendo com que ela

quase tropeçasse em seus sapatos. O sorriso de Hertford era devastador, mas Constance acreditava já estar imune a ele. Foram sete dias de situações constrangedoras, excitantes e quase indecorosas ao lado do marquês e, mesmo assim, ela continuava nervosa em sua presença.

— Espero que tenha passado bem a tarde.

— Sim, descansei bastante. Aonde estão seus irmãos?

— Benedict não retorna para casa antes de meia-noite. Georgie tem algum evento na casa de alguma jovem debutante - os nobres não param de oferecer festas e jantares porque a temporada se encerrou.

O mordomo informou que o jantar seria servido e dois criados chegaram com as entradas. Constance nunca tomara sopa de tartaruga, mas não costumava abusar da hospitalidade. Acabou por achar o sabor bastante agradável.

— Eu espero não causar nenhum problema para milorde.

— E eu espero que você não retorne às formalidades quando estivermos apenas nós dois. — Hertford sorriu para ela. — Será um prazer tê-la aqui, Constance. Sinta-se em casa e perdoe minha ausência quando ela acontecer, pois estou tentando todas as estratégias para salvar o marquesado.

— Creio que escolher outra noiva com dote, como sugeri seu irmão, seja a mais rápida solução.

— Então você estava ouvindo.

— Lamento, não quis me intrometer, mas estava na porta. Foi impossível não ouvir.

— Se o marquesado estivesse nas mãos de Bennie, ele já nos teria afundado ainda mais. Meu irmão é um bom homem, mas precisa amadurecer muito.

— Mas ele tem razão.

A resistência do marquês não era injustificada. Ele passara a viagem se convencendo de que fizera a coisa certa ao deixar Lucille ir embora com o homem que amava. Talvez não desejasse passar pelos seus traumas novamente e, com isso, tornara-se receoso em relação ao casamento.

— Tem. — Lorde Pinkerton suspirou. — Às vezes as responsabilidades nos exaurem, não é mesmo?

O silêncio prevaleceu à mesa. Tudo que se ouvia eram as respirações,

os talheres batendo na porcelana e os pés dos criados no assoalho quando iam e vinham com os pratos. Constance sentiu-se culpada por trazer assuntos desagradáveis à mesa, ou por ter insistido na conversa sobre dotes e casamentos. Ela era casada com um homem que nunca a permitia abrir a boca durante as refeições, não sabia por que ficara tão falante. Estava apenas uma semana convivendo com o marquês e já se considerava assim tão ousada?

Depois do jantar, ela retornou para o quarto que lhe fora destinado. Sentia-se confortável demais naquela casa e próxima demais do homem de quem não deveria se aproximar. Ela era uma mulher casada, mesmo que o demônio fosse seu marido. Permaneceu sentada em frente ao espelho da penteadeira, olhando-se e imaginando o que estava fazendo de sua vida, já que estava livre. Não, não estava, continuava presa, amarrada e submetida a Walter Smith. Ela era dele, uma criminosa por fugir, e sabia bem que não teria um dia de liberdade enquanto ele vivesse.

Demorou a ouvir as batidas na porta, divagando sobre o futuro próximo e o distante.

— Entre.

E ele entrou. Ela não sabia quem esperava, talvez uma criada, mas não havia nada que alguém estivesse a tratar em seus aposentos. Quando Thaddeus Pinkerton cruzou a porta, ocupou cada centímetro do quarto como se o espaço fosse apertado demais para ele. Constance entendeu que sua filha realmente amava o homem que escolheu, pois parecia impossível não ser arrebatada pela simples presença do Marquês de Hertford. Mas, apesar da absurda consciência do homem ao seu redor, Constance pode notar que ele estava incomodado com alguma coisa. Sua alma estava perturbada - ela adquirira uma estranha sensibilidade sobre as pessoas, com o tempo.

O marquês manteve a porta entreaberta, com um vão suficiente para garantir que ninguém os pegasse trancados. Não que importasse.

— Peço que me perdoe. Tanto pela atitude durante o jantar quanto por agora.

— Não há o que perdoar, milorde. Nem no jantar, nem agora.

— Certamente que há.

Sem explicar a confusão de suas palavras, o marquês deu três passos na direção de Constance, segurou-a pela cintura e a beijou. A mulher

reagiu resistindo, apoiando as duas mãos no peito masculino para se afastar - mas cometera seu maior erro ao tocá-lo. Sem poder controlar, seus dedos amoldaram-se nos músculos proeminentes, mesmo por baixo do tecido da camisa e foi impossível cumprir seu intento. O toque de lábios foi suave, mas insistente. Ela não estava acostumada a ser beijada, o marido não a tocava propriamente desde que nasceu a última filha. Tendo cumprido sua função de procriar, Constance deixou de ser necessária para ele. Sentia-se subitamente com dezesseis anos, quando conheceu o primeiro amor de sua vida, e quando ele a beijou pela primeira vez.

Levando uma das mãos à nuca, o marquês enfiou os dedos nos cabelos presos, soltando alguns grampos, e passou a língua por seus lábios que, de súbito, os abriu para permitir uma deliciosa intrusão. Tomada de assalto pela virilidade daquele homem, Constance pensou que poderia colapsar nos braços dele. A boca masculina tinha sabor de licor e tabaco, a roupa cheirava a limpeza e a pele, ah, a pele tinha o aroma da colônia masculina que ela se acostumara a sentir durante a viagem sempre que ele lhe fazia companhia.

E, da mesma forma súbita que começou, terminou. O marquês afastou os lábios dos dela e a fitou por longos segundos até garantir que Constance era capaz de manter-se de pé.

— Se quiser me bater, será um favor. — Ele disse, ofegante. — Mas não me arrependerei.

Constance passou dois dedos pelos lábios inchados.

— Não lhe baterei. Mas milorde sabe que...

— Eu sei. — Ele não a permitiu completar a frase, livrando-a do fardo de explicar a situação impossível em que se encontravam. — E garanto que a senhora estará plenamente segura nesta casa. Não voltarei a fazer isso, apenas precisava que entendesse que, apesar da necessidade que possuo de me casar, de fornecer um herdeiro ao marquesado, de obter o dote de uma esposa rica, eu farei isso porque preciso. Se pudesse escolher, eu...

Ela se apressou e levou o indicador para selar os lábios dele. Balançando a cabeça para os lados, Constance também não queria que ele tivesse o fardo de se explicar.

— Não diga, milorde. Deixemos as coisas como estão. Há momentos

na vida em que não temos escolha e precisamos viver pacificamente com o que o destino nos dá. Sou grata por me permitir permanecer abrigada, mas providenciarei minha partida quando conseguir algum dinheiro para tanto.

O marquês assentiu e deixou o quarto, fechando a porta atrás de si. Constance jogou-se na cama, fitou o teto e sorriu. Ela não estava triste por não poder viver um romance com ele, estava feliz porque, mesmo depois de tudo, fora capaz de despertar o desejo em um jovem tão belo.



HAVIA duas pessoas para quem Constance deveria contar sobre sua fuga. A primeira era Lucille, que tinha o direito de saber que a mãe fizera o que dissera que não faria - ir embora para a Inglaterra. A segunda era Beatrice, a filha mais nova. Para fugir do pai, casou-se jovem demais e nunca mais retornou à casa Smith. Constance sabia que ela vivia feliz com o marido, que a amava, então preferia que ela realmente não olhasse para trás. Mas, apesar de ter aceitado passivamente o afastamento da caçula, precisava dizer a ela que também fugiria.

Foram pelo menos três tentativas até conseguir escrever algumas linhas. Escreveria uma carta apenas para ambas, depois copiaria o conteúdo. Já estava com as pontas dos dedos manchadas de tanto as esfregar no papel quando finalmente obteve um resultado que considerou satisfatório. Era uma carta simples, explicando que não podia continuar vivendo daquela forma depois que todos os filhos a deixaram. Pediu perdão - não pela partida, mas pelo passado. Por nunca enfrentar Walter Smith e por nunca estar do lado delas quando precisaram. Segurou uma lágrima e impediu que manchasse o papel e o inutilizasse. Depois de finalizar, dobrar e colocar tudo dentro de envelopes, ela respirou preocupada.

Assim que as filhas soubessem de seu paradeiro, o que fariam? Beatrice poderia revelar a verdade para o pai? Não, ela nunca mais dirigira a palavra a Walter Smith. E Lucille não seria capaz, ela mesma incentivara a mãe a tomar aquela decisão. Ainda assim, sentia que fazia algo muito errado. Fugir era errado, abandonar seu marido era errado, apaixonar-se era errado. Constance estava certa de que não viera ao mundo

para conhecer a felicidade, portanto precisava enfrentar o destino até o fim de sua vida. Alguma coisa talvez estivesse para acontecer e seus pecados seriam ainda punidos. Mas não era possível voltar atrás, então saiu do quarto e levou as cartas até o mordomo, que fora orientado a encaminhá-las para postagem.

Capítulo Dois

Quando o pai faleceu, Thaddeus soube que o fardo da responsabilidade seria pesado. Assumir o marquesado vinha com obrigações muito bem definidas: zelar pelo título e pelo bom nome da família Pinkerton, casar-se com uma mulher de sangue azul e produzir um herdeiro puro. Ele também deveria retirar o marquesado da ruína e desfazer, em um mês, o que seu pai levou décadas cultivando - a falência. Sentia-se preparado para tudo aquilo, até mesmo para casar-se com uma completa desconhecida para receber um dote milionário. Mas ele não se sentia nem um pouco preparado para a paixão.

Thaddeus fora um homem acima da média. Destacava-se nos estudos, recebia prêmios por seu desempenho acadêmico, era campeão de turfe, tênis e xadrez. Também tinha um bom reconhecimento no submundo - era bem visto nos clubes de cavalheiros, nos cassinos e as prostitutas disputavam sua atenção. Tivera algumas amantes fixas, todas viúvas mais velhas que com ele compartilharam conhecimento precioso. Porém ele nunca se apaixonou. Nunca soube o que queria em uma mulher além de tê-la nua em sua cama, além do prazer carnal. Imaginava que tais coisas seriam insuficientes para se considerarem paixões, então as chamava desejo. O amor, aquela coisa do coração, não sabia do que se tratava.

E não teria descoberto que se importava com nada disso até conhecê-la. Se não acreditava em destino, antes, passara a ter certeza de que ele existia quando retornou para casa com uma mulher a tiracolo - e uma que não poderia ser dele, mas que desejava. Céus. Era uma senhora, mãe, esposa, muitos anos mais velha e, ainda assim, ele a queria como se nada disso fizesse a menor diferença. Talvez não fizesse e todas as bobagens escritas nos livros de romance fossem verdadeiras. O Cupido não tem uma boa mira.

— Thad. — A irmã entrou no escritório segurando uma lista. As mãos nervosas esticavam as bordas do papel a ponto de quase rasgá-las. — Fiz o que me pediu.

Georgie entregou um rol de nomes. Damas casadoiras, as mais desesperadas e com maiores dotes. Preferencialmente as que estivesse já na terceira temporada e que morreriam de vergonha de enfrentar a sua quarta.

— Certeza de que todas as mulheres aqui são solteiras, possuem dotes elevados e não se importariam em casar por negócios?

— Sim, certeza. Nós mulheres sempre sabemos dessas coisas, mas não se preocupe. Com sua aparência e seu título, elas farão fila para desposá-lo, Thad.

— Pode ser, mas eu pretendo, ao menos, escolhê-las. Farei um jantar na propriedade, vamos convidar todas elas. Espero que estejam em Hampshire.

— As que não estiverem, virão assim mesmo. Mas estamos de luto, como daremos uma festa?

— Fingindo que não se trata de uma festa. Tentaremos ser discretos, o que não funcionará, mas preciso tomar decisões urgentes. Sem conhecer essas damas, como posso casar-me com elas?

— Entendo, meu irmão. Começarei a organizar os preparativos.

Animada pela possibilidade de um evento festivo, a irmã deixou o escritório rodopiando. Por mais que o marquês estivesse seguro que precisava investir na indústria e no comércio para recuperar suas finanças, ele também sabia que precisava de soluções imediatas. Casar-se mostrava bem mais rápido do que conseguir um sócio e obter lucro de seu próprio trabalho. Depois de saldadas suas dívidas, ele veria qual a melhor forma de ampliar seu patrimônio.

Deixou a lista de possíveis esposas sobre a escrivaninha e decidiu cavalgar pela imensa propriedade rural e analisar a situação. Precisava pensar e arejar as ideias a fim de conformar-se com a triste realidade de viver o restante da vida usufruindo do casamento de seus pais. Quando retornou para casa já era fim de tarde e o céu se tingia do rosado do ocaso. Encontrou Constance e sua irmã conversando no salão de chá, provavelmente entretidas em alguma atividade feminina que ele ignorava. Georgie crescera sem uma figura materna presente e ele nunca pensara, também, que sua futura esposa pudesse fazer esse papel. Ela não faria. A não ser que ele se casasse com Constance, a mulher que ele desejava, porém que não poderia ter.



A JOVEM LADY Georgiana parecia ter muitas dúvidas quando Constance a encontrou no salão de chá, naquela tarde. A menina mordida o lábio inferior e segurava uma folha de papel em branco enquanto pensava. Era uma atividade intensa, quase palpável.

— Posso ajudar em algo, milady?

Constance aproximou-se e se sentou em um sofá.

— A senhora organizava eventos, em Nova Iorque?

— Alguns. Meu marido é um homem importante, nós frequentemente oferecíamos jantares, saraus e encontros de negócios. Milady está organizando um?

— Um baile. — Os olhos da jovem brilharam quando ela disse a palavra mágica, que seduzia meninas da idade dela. Lady Georgiana não era tão jovem quanto Constance, quando se casou, mas ainda era uma menina. Vivaz, radiante e cheia de sonhos. — O marquês quer oferecer uma espécie de “jantar informal” para alguns convidados e, como sou a mulher da casa...

— Cabe a milady preparar tudo. Se desejar, posso ajudar. O que precisa?

Lady Georgiana não conseguiu esconder a excitação pela oferta. Pulou para sentar-se ao lado de Constance e começou a tagarelar sobre o que ela esperava do evento e, principalmente, como conseguir discrição em algo tão aparentemente grandioso. Foi divertido, constatou, parti-

cipar daquele processo. Quando suas filhas eram jovens, elas faziam algumas coisas juntas, mas havia sempre Walter Smith e sua sombra pairando sobre tudo. Constance não teve uma família feliz e parte da responsabilidade por isso era dela. Se tivesse uma segunda chance, faria tudo diferente. Se tivesse uma segunda chance, seria como naquele momento - sorrisos, empolgação, planos.

— Milady, gostaria de fazer uma pergunta. Acredita que eu poderia ser uma preceptora, uma tutora ou acompanhante?

A jovem franziu as sobrancelhas, unindo-as sobre a ponte do nariz.

— Decerto que sim. Creio que a senhora tenha estudado?

— Em uma ótima escola para moças.

— Então não será difícil. Mas por que pensa isso? A senhora não é casada com um homem rico? Imaginei que não precisaria trabalhar.

Constance respirou profundamente. Não queria continuar mentindo sobre si, aquela era uma boa oportunidade de contar algumas verdades.

— Meu marido é muito rico, mas eu o estou deixando. Por isso vim para Londres.

— Oh. — A jovem olhou estarecida, como se ela estivesse blasfemando à frente da cruz. — A senhora então vai se divorciar?

— Sim, pretendo.

Houve silêncio, seguido de um rubor intenso nas bochechas da jovem lady, indicaram que ela se chocara com a informação. Mulheres divorciadas eram párias na sociedade londrina. Constance percebeu, naquele breve instante sem palavras, que a sua simples presença ali poderia prejudicar a imagem do Marquês de Hertford. Talvez ninguém devesse realmente saber de suas intenções de divórcio até que ela pudesse conseguir um emprego.

— Meu marido é um homem muito ruim. — Ela quis explicar. — Nossos filhos fizeram de tudo para sair de casa e livrar-se dele. Sozinha, eu acabaria morta por suas mãos.

Lady Georgiana ofertou-lhe um sorriso empático e manteve o silêncio respeitoso por mais algum tempo. Talvez, apenas talvez, ela fosse capaz de compreender os motivos que levaram Constance a permanecer no navio e rumar para longe no lugar de sua filha. Pelo menos não houve

nenhum embaraço e, em um minuto, a menina voltara a conversar sobre o baile e seus preparativos.

Ela fingiu que não viu quando o marquês as encontrou e optou por não as interromper. Acostumada a notar até os mais sutis movimentos dos outros, soube que ele hesitou, que ele subiu as escadas e permaneceu por lá até a hora do jantar. Durante a refeição, pouco ergueu os olhos e, quando o fez, foi para fitar a irmã. A lady continuou falando sem parar sobre o baile e sobre a ajuda que teria de Constance. Até que ela disparou uma informação que o fez trincar o maxilar e piscar demoradamente.

— Ah, Thad, se não encontrar sua esposa nesse jantar, não encontrará mais em lugar nenhum. Estou certa de que aquela lista inteira comparecerá.

O marquês sorriu, mas Constance viu tristeza em seus lábios.

— Estou me sentindo em um conto de fadas. — Ele tentou fazer troça.

— Não reclame, no conto de fadas o príncipe sempre se apaixona.

— Mas não se casa com a moça prometida.

A irmã não compreendeu a provocação, mas Constance era experiente demais para a ignorar - principalmente porque Lorde Pinkerton olhou para ela, fitando-a com intensidade, assim que terminou sua frase.

Ele era lindo. Muito jovem, com uma vitalidade impressionante que transbordava dos olhos azuis infinitos. Vestia-se como o nobre que ela, com trajes elegantemente cortados e sob medida, gravata de seda e um alfinete prendendo o nó. Ela o vira em tantas refeições durante a viagem e sua presença ainda lhe causava impacto.

— Não seja estraga-prazeres, Thad. Os contos sempre possuem finais felizes.

A chegada do irmão interrompeu a conversa e evitou novos constrangimentos. O próprio Benedict parecia um constrangimento ambulante, portanto ele deveria ser capaz de aliviar o fardo de qualquer discussão desagradável. Falando sobre o quanto precisava de dinheiro e pressionando o irmão marquês a tomar uma atitude sobre sua vida, reclamando que não suportava mais a situação. Constance quis repreendê-lo e entendeu que ela, ali, não poderia tomar uma atitude de mãe.

Mesmo que ela só tenha sido ensinada a ser mãe e esposa, aquele não era o seu lugar.

Ela precisava fazer algo de sua vida. Esperava que suas filhas lhe respondessem, mas precisava fazer por si própria. Mesmo que fosse difícil, tentaria conseguir um emprego.



ELE TENTOU ignorá-la por algum tempo. Não ignorou exatamente, apenas prestou menos atenção em Constance por dois dias seguidos, como se fingindo que ela fosse parte da paisagem ou da decoração. Ainda assim, percebeu-a sempre que entrava em um cômodo. Ouviu-a orientar a criadagem, acompanhada de Georgie, que pareceu confiar nela. Soube que ela ajudava na organização do bendito baile e que fora à vila duas vezes por esse motivo. Mesmo assim, o marquês agiu como se ela não estivesse realmente ali, como se fosse um sonho ou um pesadelo do qual pudesse acordar em algum momento.

Não conseguiu fingir, no entanto, quando ela o encurralou em seu escritório. Era noite, ele não fazia ideia de onde estavam as pessoas da casa, e a penumbra causada pela lareira criava uma aura romântica e perigosa. Constance bateu à porta e entrou, fechando-a atrás de si. Hertford ergueu-se, batendo o joelho no tampo da escrivaninha, e sentiu a boca secar.

— Milorde, poderia falar-lhe um instante?

— Claro, sente-se. — Ele indicou uma poltrona próxima ao fogo, sem saber se era uma boa ideia não colocar nenhum obstáculo entre os dois. — E, por favor, não reverencie meu título quando estamos a sós.

— Certo. Eu gostaria de sua ajuda.

O marquês serviu-se de uma bebida e se sentou de frente para ela. Constance tinha os cabelos presos em um coque alto e usava um vestido verde discreto. Ele raramente reparava nas roupas das mulheres - preferia-as sem, mas era impossível não notar cada detalhe daquela.

— Se é sobre o baile, não precisa pedir. Georgiana está no controle de tudo.

— Não é sobre o baile. Eu gostaria de um emprego e pensei se, talvez, você não poderia servir-me de referência. A recomendação de um

marquês deve pesar o suficiente para que uma mulher da minha idade e sem experiência consiga ser contratada por alguém, espero.

O pedido o atingiu como um soco. Se não estivesse sentado, cairia para trás. Não que houvesse algo errado em trabalhar, ele mesmo sabia que precisava fazê-lo ou permaneceria na insolvência. Mas Hertford sabia que arrumar-lhe um emprego significaria perdê-la. Constance não mais moraria com ele, iria para longe, sairia de seu alcance. Por mais que soubesse que não podia tê-la, também não queria que outros a tivessem.

Imediatamente, pensou que deveria empregá-la. Poderia ser acompanhante de Georgiana, mas ele não tinha dinheiro para pagar um salário digno a Constance. Não seria justo fazer aquela proposta, ela precisava ser remunerada. O silêncio a deixara ansiosa, podia notar pela forma como ela espremia os dedos uns nos outros.

— Conte com minha recomendação. Você pretende... já tem algo em vista?

— Sinceramente, não. Estou há dias abusando de sua hospitalidade, mas não conheço nada nem ninguém na Inglaterra. Talvez em Londres eu tenha algum sucesso.

Londres. Aquela perspectiva era ótima. Ainda demoraria para que eles retornassem à capital, portanto Constance não desapareceria de suas vistas por algum tempo.

— Quando a temporada se iniciar, vamos todos para Londres. Certamente você encontrará um emprego, mas, até lá, é bem-vinda a ficar conosco.

— Não posso continuar...

— Constance. — Em um impulso, ele levou as mãos até as dela. Segurou-a entre as suas e acariciou seus dedos. Ela poderia ter retirado a mão, até mesmo o esbofeteado, mas não o fez. — Não se considere um fardo. Você faz bem a Georgie e sua presença ilumina a casa. Fique.

Hertford sabia que estava sendo egoísta, pois ele não podia simplesmente mantê-la ali enquanto promoveria um baile para escolher uma noiva. Se ela sentisse qualquer coisa por ele, e dava sinais de que sim, não podia permitir que Constance sofresse apenas por seu desejo de a ver todos os dias. Ainda assim, não conseguiu evitar insistir para que permanecesse em sua casa até o início da próxima temporada.

— Eu fico. Obrigada por sua generosidade.

Retirando as mãos das dele, Constance despediu-se silenciosamente com um movimento de cabeça e saiu do escritório, deixando-o estranhamente satisfeito e frustrado. Gostava de conversar com ela, de ouvir sua voz. Gostaria de passar mais tempo ouvindo-a, vendo-a ajudar nos cuidados com a casa. Era um tolo idiota.



COMO PRATICAMENTE TODA a nobreza se aglomerava em Hampshire durante o recesso do parlamento, o “jantar informal” oferecido pelo Marquês de Hertford era um evento que todos poderiam comparecer. De início, algumas pessoas estranharam que a família, ainda de luto pelo passamento do pai, fosse dar uma festa. Era totalmente inadequado e inapropriado, mas isso não impediu ninguém de comparecer. Hertford sabia que o escândalo ajudaria a abafar o problema de sua falência - preferia ser conhecido por um homem que desrespeita o luto do que um caloteiro.

Ainda assim, era um evento sem música, sem dança, sem alegria. Apenas pessoas comendo, bebendo e falando de política. Alguns nobres mais jovens também falavam de negócios, já que a nobreza há muito precisara se render à burguesia e mudar sua forma de viver a vida. E havia mulheres, muitas delas, em belos vestidos que sequer fingiam sobriedade, todas interessadas em fisgar um marquês solteiro. As que tinham dotes valiosos eram as mais animadas, disputando o momento em que dariam os pêsames - e os parabéns - ao novo Marquês de Hertford.

Para seu assombro, em meio a toda aquela gente, ele não viu Constance. Ela não apareceu em nenhum momento, não jantou com eles. Quando interrogou Georgie sobre aquilo, a irmã limitou-se a dizer que não a vira durante o dia, também. Como não podia desaparecer do evento que organizara, permaneceu preocupado e incomodado com a ausência dela até que todos fossem embora. Quando a casa ficou vazia e os irmãos se retiraram, ele escapuliu para o quarto ocupado por Constance e bateu à porta. Como ela não respondeu, colocou a cabeça para dentro.

Ela estava sentada, segurando um livro nas mãos, próxima à lareira. Havia ainda uma bandeja com a louça do jantar que lhe fora servido -

como as criadas estavam ocupadas com o evento, não devem ter subido para retirar. Ao ouvir a porta abrindo, Constance ergueu a cabeça.

— Não precisava vir buscar isso, Mary, eu mesma...

A voz se calou quando o viu.

— Sentimos sua falta.

— Oh. — Ela apoiou o livro em uma mesinha e respirou profundamente. — Não era minha intenção ofendê-los. Eu apenas não tinha roupa adequada ao evento.

Hertford baixou os olhos para o chão e soltou uma imprecisão baixa. Deveria ter considerado aquela possibilidade, já que ela viajara sem bagagem e estava usando as roupas da filha. Nunca fora muito bom em detalhes.

— Poderia ter falado algo, eu teria pedido a Georgiana que providenciasse um vestido.

— Não era necessário. Esse jantar tinha o objetivo de permitir que encontrasse uma possível noiva e minha presença não acrescentaria em nada.

Ele quis dizer que era mentira, mas sabia que Constance tinha razão. Fitando-a novamente, estendeu uma mão na direção dela.

— Você me concederia a honra de uma dança, senhora?

O sorriso zombeteiro e devasso em seus lábios fora notado por ela, que arregalou os olhos em surpresa.

— Não está tocando música.

— Não creio que precisaremos de uma.

Constance levantou-se e terminou em seus braços. Segurava-a pela cintura e pela mão enquanto girava timidamente pelo quarto, imitando os movimentos de uma valsa lenta e sensual. A pressão dos quadris dela fizeram com que Hertford endurecesse. Caso ela percebesse, o momento seria bastante desconfortável. Espremido em suas calças, ele só pensava em a conduzir até a cama, ou pressionar o corpo feminino entre as paredes, erguer suas saias e a possuir - mesmo que soubesse que, caso qualquer uma daquelas coisas acontecesse, seria ela a possui-lo por completo.

Depois que a valsa terminou, o marquês beijou os dedos de Constance e se afastou, dolorido.

— Gostaria que pudéssemos compartilhar mais do que momentos roubados.

— Eu também. — Ela confessou, baixando os olhos. — Mas fico feliz com o que conquisto, mesmo que seja menos do que desejo.

Com um sorriso triste, ele fez uma mesura e deixou o quarto. A mulher tinha razão, Hertford precisava aproveitar mais o que tinha e lamentar menos o que perdera. Deveria agradecer o que conquistara - mas ele sentia como se não houvesse conquistado nada.

Capítulo Três

Os dias passavam lentamente em Hampshire. Não havia muito o que fazer e, pela ausência de uma mulher experiente na casa, Constance assumira, gradualmente, algumas funções que ninguém lhe ordenara. Lady Georgiana era jovem e cheia de vigor, mas preferia passar seu tempo em chás com as amigas. A falta de uma referência materna certamente a influenciou a não ser muito atenta às necessidades do lar, mas ela tinha apenas dezoito anos. Uma menina não deveria precisar assumir tantas responsabilidades. Por isso, Constance se aproximou dos criados, principalmente da governanta, e passou a conduzir a casa como fazia com a Casa Smith, em Nova Iorque. Havia apenas uma diferença significativa - ela não se sentia ameaçada a cada manhã e sabia que estaria segura a cada noite.

O marquês a observava sempre. Havia dias em que ele recostava no batente de uma porta e passava vários minutos vendo-a ajudar Lady Georgiana nas lições de piano, orientar a governanta sobre questões da casa, discutir o cardápio com a cozinheira. Ele tentava não ser notado, mas sua presença era quase perturbadora demais. Estava sempre vestido impecavelmente, como um lorde deve se apresentar, e com cabelos perfeitamente penteados. Os olhos azuis irradiavam luz - era impossível não olhar para eles, não os perceber.

Já faziam dez, doze dias que ela se hospedava na casa da família

Pinkerton. Todo dia, ansiava por receber notícias das filhas, mas nenhuma carta chegava. Quando não estava auxiliando os criados, o que fazia por consideração àquelas pessoas que a abrigaram, passeava pelos jardins e pelo bosque que circundava a propriedade. Segurava uma sombrinha de renda e admirava as flores quando o viu, ao longe.

A construção parecia com os estábulos da Casa Smith. O Marquês de Hertford estava em uma área grande e cercada, acompanhado de um cavalo. Os dois pareciam bailar em um ritmo intrincado e complexo, em que o homem tentava manter o animal sob seu controle - não sem alguma dificuldade. Constance não se percebeu aproximando da cena, lentamente, embevecida pelo que via. Havia sintonia entre os corpos e Hertford mantinha os olhos cravados no animal, que diminuía sua rebeldia aos poucos.

Mas ela estava ainda mais impressionada pela figura masculina que se mostrava tão poderosa. Com a camisa branca desfraldada, as mangas dobradas nos cotovelos e vários botões abertos, ele exibia muito mais do seu tórax musculoso do que seria saudável para uma mulher na idade dela. O marquês era, além de lindo, um homem que transbordava masculinidade - e ela sentiu uma comichão entre as pernas, a indecência dos pensamentos que a arrebatavam e o desejo indecoroso de o tocar.

— A senhora precisa de algo?

Um homem se aproximara e Constance percebeu que estava praticamente encostada na cerca que a separava do marquês. Envergonhou-se imediatamente, sentindo as bochechas arderem - não era mais uma jovem tola para ser pega enamorada de ninguém.

— Não, apenas estou passeando. O marquês, ele sempre lida diretamente com os cavalos?

— Só com aqueles que ele deseja para si. — O homem, de aparência rústica e roupas simples, retirou o chapéu em deferência a ela. — Ele gosta de cavalos desde que era criança.

— O senhor o conhece há tanto tempo?

— Fomos criados juntos. Meu pai era o cavaleiro da família Pinkerton até adoecer e passar o cargo para mim. Preciso retornar para meu trabalho, se a senhora quiser montar, basta me chamar.

Constance suspirou. Pensou em dizer ao homem que nunca montara na vida, que mal se aproximara de um cavalo, mas se calou.

Continuou observando Lorde Pinkerton em toda a sua indecência e glória até que ele parou o bailado com o animal e a viu ali. Aproximou-se como um predador cerca a presa, os olhos azuis intensamente sobre ela. Constance sentiu sua boca secar e quase precisou apoiar-se nas cercas.

— O que faz tão afastada da casa?

— Eu passeio pelo bosque todo dia, milorde, mas fiquei intrigada ao ver um marquês domando um garanhão.

— Ele será meu novo cavalo. Precisa acostumar-se comigo, precisa confiar em mim, somente. Quando estiver domado, a convido para um passeio.

Ela sorriu, sabendo que aquela promessa nunca se concretizaria. Ele se casaria e seria em breve. Não haveria tempo para a ensinar a montar, nem para desfrutarem de passeios.

— Certamente, será um prazer.

Lorde Pinkerton também sorriu e ela teve certeza de que ele também sabia. Eram promessas vazias, talvez feitas para aplacar algo em seus corações. Indicando que levaria o cavalo de volta para o estábulo, ele deu meia volta e se dirigiu para a construção de madeira que despontava à frente. Constance não poderia dizer por que o seguiu - mas flutuou atrás dele, embrenhando-se pela construção que cheirava a feno e esterco. Um criado a viu e afastou-se. O lugar era escuro e abafado. O marquês estava acomodando o cavalo em uma baía e oferecendo a ele uma maçã.

— Você gosta de cavalos?

Perguntou, pegando-a de sobressalto.

— Acho que são animais fantásticos, mas nunca lidei com eles.

— Imagino que, na cidade, eles sejam apenas uma utilidade. É aqui, no campo, que percebemos seus espíritos. Venha, tente acariciá-lo.

Constance se aproximou e levou a mão, mas o animal bufou e se afastou, sacudindo a cabeça. Ela se assustou e deu dois passos para trás, trombando no peitoral firme do marquês. No instante em que os corpos se encostaram, o calor que dele emanava a entorpeceu. Nunca se sentira tão arrebatada por ninguém. Quando Lorde Pinkerton a tocou nos braços, entendeu que era recíproco. Com cuidado, ele elevou novamente a mão dela, segurando-a entre a sua, e conduziu até a frente do cavalo, que aquiesceu.

Com as costas dos dedos, Constance acariciou o pelo macio e

quente do animal. Era uma experiência sublime, em que todos os sentidos dela estavam tomados por um êxtase nunca experimentado. Ao senti-la sob controle, o marquês soltou sua mão e deslizou os dedos pelo braço feminino, descendo pela lateral do corpo até pousar em sua cintura. Ela parou de respirar ao percebê-lo rígido. Imaginar que despertava naquele homem qualquer sentimento de desejo fazia com que Constance vibrasse, tanto de júbilo quanto de frustração.

Mas o marquês não pareceu incomodar-se muito com as questões legais ou com o decoro. Estavam sozinhos naquele lugar abrigado dos olhares alheios e isso o fez audacioso. Levou a boca até seu pescoço e a beijou ali, enquanto puxava-a para mais perto. As mãos dele, grandes e masculinas, a acariciaram por sobre o tecido e subiram até a borda do decote, tocando-a nos seios. Constance soluçou, prendendo a respiração. Não era tocada por um homem há mais de uma década e não se lembrava de que fosse daquela forma. Era errado, muito errado, mas só um pensamento ocupava sua mente naquele momento - entregar-se.

E então o encanto se desfez e ele se afastou lentamente.

— Sinto muito. — Hertford murmurou e ela sentiu o hálito quente em sua pele. — Se eu pudesse escolher, Constance...

— Não seria eu. — Ela se virou. — Sou uma mulher casada, não há futuro para nós. Eu também sinto muito.

Mesmo que suas pernas estivessem fracas e trêmulas, Constance conseguiu fingir um sorriso e caminhar para fora do estábulo. Os passeios diurnos se tornaram tão perigosos quanto permanecer na casa sendo tentada por aquele homem inatingível.



OLHANDO PARA A LISTA DE GEORGIE, ele sabia que precisava escolher. O contador lhe dera um ultimato: os credores estavam prestes a executar as dívidas. Ele poderia vender algumas propriedades e postergar alguns pagamentos, mas ainda não tinha ativos para saldar tudo. Já conhecia todas as mulheres indicadas ali, as bonitas, as não tão belas assim, as mais desesperadas. Hertford não queria nenhuma delas. Seu corpo inteiro pulsava por ter Constance Smith, a única mulher que não estava disponível para si. Mas não era apenas seu

corpo, ele também a desejava com seu coração. Ela era exatamente o que ele esperava de uma esposa - ela geria a casa com maestria, ela era boa para Georgie, ela era educada, lia bastante, possuía uma erudição que ele percebera desde o início da viagem. Sempre que conversavam, Constance demonstrava sabedoria e experiência - e ele a queria ao seu lado.

Mas ela era casada e seu marido era um canalha.

— Milorde, a correspondência.

O mordomo o interrompeu no escritório, segurando uma bandeja de prata com alguns envelopes.

— Provavelmente serão cobranças. Deixe-as sobre a mesa.

— Há uma endereçada à Sra. Smith, milorde.

Hertford pegou o envelope indicado pelo mordomo e o segurou. Reconheceu o nome da outra filha, Beatrice, de quem já ouvira falar. Imaginando que Constance adoraria receber notícias da família que ficou em Nova Iorque, levantou-se e foi até ela - sabia que, naquele horário da manhã, estava lendo no jardim.

Ao vê-la, seu coração se alegrou. Constance parecia ter a metade de sua idade, com uma aparência jovial e muito delicada. A expressão indicava que gostava do que lia e que estava totalmente absorta na leitura. Sentiu-se mal em interromper aquele momento, mas também queria falar com ela, sentar ao lado dela, compartilhar outro momento enquanto era possível. Pretendia escolher sua noiva ainda naquela semana e isso o impediria de passar tanto tempo com outra mulher.

— Bom dia, milorde. — Ela olhou ao redor e percebeu que estavam sozinhos. Seus ombros relaxaram.

— Sua filha lhe escreveu. — Estendeu para Constance a carta que segurava.

— Lucille?

— Não, Beatrice. Imagino que Lucille esteja aproveitando sua lua de mel, se ainda conhece aquele McFadden.

As bochechas dela coraram. Era incrível que uma mulher com três filhos pudesse enrubescer ao ouvir falar de sexo, mas ela não parecia tão experiente naquele quesito. O marido era um homem horroroso e não deveria preocupar-se em agradá-la. Constance pegou a carta e a abriu. Quando Hertford pensou em se afastar, ela o segurou pela mão.

— Fique. Gostaria de companhia para ler as notícias. Temo que minha filha me julgue pelo que fiz.

— Se ela te julgar é porque não a conhece.

Hertford sentou-se ao lado dela, sem ter como negar aquele pedido sincero. Constance correu os olhos pelo papel e sua expressão mudou do temor para o pavor. A cor sumiu do rosto e a boca se abriu parcialmente. Depois de minutos inteiros em que ela leu e releu a carta, Constance fitou o marquês sem conseguir esconder a confusão em seu olhar.

— Walter está morto.

A primeira reação de Hertford seria perguntar se ela tinha certeza - mas não seria tão indelicado. Pegou o papel das mãos da mulher e leu ele mesmo as palavras escritas em letra feminina, por mãos nitidamente trêmulas. Walter Smith morrera em Nova Iorque há mais de uma semana, de causas naturais. Seu coração parara de bater e fora encontrado já sem vida pelos criados. Beatrice era a única filha disponível, o que a obrigou a cuidar do velório e do enterro do pai. Também precisou cuidar da abertura do testamento do homem, que surpreendeu até aqueles que o conheciam bem.

— Eu sinto muito, Constance.

Hertford não prosseguiu na leitura. Ignorou o decoro e o que as más línguas poderiam falar - envolveu-a em seus braços e a recostou no peito, permitindo que ela encontrasse algum alívio para sua dor. Esperava que ela chorasse, soluçasse e molhasse sua camisa, mas Constance manteve-se rígida, os músculos tremendo e obrigados a se manterem estáticos. Preocupado que sua reação de a abraçar tivesse provocado sentimentos negativos, soltou-a e a observou por alguns instantes.

— Você está bem? — Perguntou, por fim.

— Não sei. Eu não consigo sentir nada. Eu não queria que ele morresse, mas não estou triste porque aconteceu. — Ela ergueu os olhos marejados e Hertford quase pôde sentir a agonia neles. — Sou uma pessoa horrível, meu Deus.

Constance levantou-se e saiu em disparada pelos campos, na direção do bosque. O marquês intencionou ir atrás dela, porém entendeu que a mulher precisava de tempo. Sentou-se novamente e pegou o relógio em seu bolso. Esperaria dez minutos e sairia para buscá-la. A notícia do falecimento do crápula que a desposara era uma carta de liberdade. A

certidão de óbito de Walter Smith era a alforria de Constance e Hertford não a deixaria sofrer por não lamentar o evento que marcaria uma nova fase na vida dela.

Enquanto esperava, pegou novamente a carta deixada abandonada sobre o banco de pedra. Leu o conteúdo até o fim e quase parou de respirar ao se dar conta do que passara despercebido ante a notícia trágica - Constance fora contemplada no testamento do monstro. Segundo a filha, ele deixara para ela uma quantia que representava o valor recebido pelo dote dela, e uma propriedade em Boston, que também recebera do pai dela quando do casamento. Com sua morte, a viúva de Walter Smith não ficaria totalmente desamparada.

A novidade o pegou desprevenido. De posse de algum dinheiro, ela certamente iria embora para sempre e ele nunca mais a veria, mesmo que já não houvesse mais um casamento que os separasse.



ELA QUASE NÃO PODIA ACREDITAR QUE seu marido maldito estava morto. Um turbilhão de sentimentos contraditórios a inundava. Um misto de tristeza pelo fim de uma vida com alívio pela liberdade concedida. Não queria que Walter morresse, mas não conseguia ficar infeliz como imaginava que uma esposa deveria ficar ao receber notícia tão funesta. Precisou sair correndo por entre arbustos e flores para que o marquês não percebesse sua dificuldade em articular palavras e a ausência de lágrimas em seus olhos. Não queria parecer insensível. Acabou desabando sentada sob a copa de uma árvore, sentindo uma agonia lhe apertar o peito e o ar ser sugado para fora de seus pulmões quando as mãos dele a ampararam.

Hertford sentou-se ao lado dela e a fez virar para ele. Passou o polegar por suas bochechas e limpou uma lágrima intrusa que escorrera ali, sem que ela pudesse confirmar se era pela morte de Walter ou pela angústia de não sentir o que era esperado de si.

— Meus filhos provavelmente me odiarão por ter causado a morte do pai deles.

— Você não causou a morte de ninguém. Sua fuga certamente não foi o motivo pelo qual Walter Smith deixou esse mundo, Constance.

— Como pode saber? — Ela o encarou. A placidez do olhar do marquês era reconfortante.

— Eu não posso, mas o homem tinha pouco apreço por você. Você chegou a ler a carta até o fim? Sua filha informou que você foi beneficiada no testamento e possui bens a receber.

Aquela informação a deixou ainda mais assustada.

— Bens?

— Sim, parece que seu falecido marido achou correto devolver-lhe o dote.

Constance não conseguia parar de olhar para Hertford. Nada em sua expressão indicava que ele estava satisfeito por saber que ela estava rica - talvez porque ele não soubesse. O marquês não tinha como saber que o dote de Constance era obscuro e fora o motivo pelo qual Walter Smith a desposou. Ela não pretendia ficar com ele, tinha uma paixão, um homem com quem desejava casar-se. Mas o industrial era ganancioso e precisava do dinheiro para iniciar seus negócios - foi com o dote dela que construiu seu império. O pai de Constance era um fazendeiro também ambicioso e tinha mais dinheiro do que podia gastar. Para garantir o negócio, Walter a violentou - forçou uma situação de desonra em que todos ficaram sabendo que ele a desvirginara. Não importava que fosse contra a sua vontade, importava que ele se casaria com ela e teria o dinheiro necessário.

Era muito dinheiro. Uma quantia exorbitante, tanto que ela sequer conseguiria mensurar. E ainda havia a propriedade, sobre a qual fora construído um prédio de apartamentos, todos alugados. Ela estava, sim, rica.

— Meu Deus. — Constance baixou os olhos, sem conseguir sustentá-los no azul que a afogava. — Eu não sei se consigo lidar com isso, agora.

— Não lide. Se me permitir, pedirei aos meus advogados que descubram como fazer para garantir a você acesso ao seu dinheiro.

Constance assentiu, um pouco perplexa com tudo. Hertford levantou-se e ofereceu a mão para que ela o acompanhasse. Voltaram para a residência e ela precisava tomar algumas decisões importantes enquanto compreendia o quanto sua vida mudaria a partir daquele momento.

Capítulo Quatro

Por dois dias, o marquês lidou com os seus problemas e os de Constance. Ela ficou reclusa em seu quarto, fazendo as refeições em privado, e ele não a incomodou. Pediu que Georgie respeitasse o momento, afinal, ela acabara de perder seu marido. Mesmo que Walter Smith não merecesse nenhum luto, Constance fora casada com ele por quase trinta anos. Toda a sua vida estava condicionada à existência daquele crápula - ela certamente se sentiria mal pelo ocorrido. Quando conseguiu algum retorno dos advogados, decidiu que precisava falar com ela, afinal.

Bateu à porta e a abriu assim que ouviu a voz feminina pedindo que entrasse. Constance estava de pé, olhando pela janela - e não estava vestida. Ao menos, não adequadamente. Um roupão de seda a cobria e, por baixo, podia-se ver uma barra rendada de camisola. Ela estava descalça e com os cabelos soltos. Longas madeixas cacheadas cobriam seus ombros e costas, dando à mulher um ar selvagem, pagão.

— Como está se sentindo?

— Confusa. — Ela não se virou. — Você pode me mostrar até onde vai sua terra?

Hertford não entendeu bem o pedido, mas não negaria nada a ela. Aproximou-se e colocou-se ao lado dela na janela. Daquele quarto se

tinha uma bela vista da propriedade dos Pinkerton - algo que ele nunca reparara.

— Creio que não dê para ver. — Ele esticou o braço e apontou para frente. — Nossas terras vão até depois do rio, que fica depois do bosque.

— É uma propriedade enorme. Você pretende mantê-la intacta?

— Essa em Hampshire, sim. Pessoas ainda trabalham aqui e tiram seu sustento da terra, produzindo para consumo e venda nos vilarejos. Alguns arrendatários querem ampliar suas terras, com o que posso concordar. Está curiosa, pretende fazer uma oferta por Pinkerton Falls?

Ela sorriu e baixou o olhar.

— Você não precisará vender suas terras. Já escolheu sua noiva?

— Já. — Hertford respirou fundo e permaneceu encarando o horizonte. Já passava das seis, o sol sumia e deixava os tons rosados da noite, que prometia ser fria. — Mas ela não me ajudará a salvar meu legado.

Constance virou-se para ele.

— Não entendo. Sua irmã disse que separou uma lista das mais ricas damas casadoiras... suas dívidas são assim tão vultosas?

— São altas, mas um bom dote permitiria que eu as pagasse. O problema, Constance, é que eu decidi seguir meu coração e não a razão. Não quero me casar com uma mulher que salvará o marquesado da ruína, quero me casar com a mulher por quem estou apaixonado.

Ele também se virou para ela.

— Oh. Eu não sabia que o coração de milorde estava ocupado.

O rubor nas bochechas e o constrangimento no olhar indicavam que ela não esperava pela resposta dele. Hertford sorriu, ela era uma mulher incrível e bastante inteligente, mas não conseguia enxergar algumas coisas que estavam à sua frente.

— Está ocupado desde que peguei o navio de volta para Londres.

— Não entendo.

— A mulher de quem estou falando é você, Constance.

Com dois passos para trás, ela tropeçou em um móvel e quase caiu, sendo amparada pelas mãos do marquês. Ele ansiava por aquele toque desde o momento que compartilharam no estábulo e não esperava que ela estivesse tão pouco vestida quando ele acontecesse. Mentira, Hertford desejava que ela estivesse completamente nua e rendida a seus cari-

nhos, porém não estava preparado para sentir o calor da pele feminina, o aroma do perfume adocicado, a maciez da seda sob seus dedos.

Ele a queria e não importavam os motivos.

— Não faça isso, Thad. — Ela disse. A voz estava baixa, como se falar seu nome, seu apelido, fosse pecaminoso.

— Você não é mais casada. — O marquês levou uma mão até os cabelos dela e retirou algumas mechas da frente do rosto. — Se eu tiver que esperar dois anos de luto, eu espero. É você quem eu quero, Constance.

— Não sou solução, sou mais um problema. Uma mulher viúva, mais velha, incapaz de te dar um herdeiro...

Os dedos dele desceram pela face rubra de Constance e acariciaram o contorno do maxilar até tocarem os lábios vermelhos e ofegantes. Ela parecia nervosa e agitada, a respiração entrecortada.

— Não consigo sinceramente me concentrar em nada que seja mais importante do que beijá-la nesse momento.

E ele a beijou. Desceu a boca sobre a dela, capturando-a entre seus lábios. Constance se tornou macia em seus braços e ele a puxou para si, forçando um contato intenso dos dois corpos. A camisola que ela usava não oferecia nenhuma proteção contra a potência do seu desejo. Quando sua língua a acariciou e pediu passagem, Constance se rendeu completamente e retribuiu o beijo.

Hertford não conseguiu evitar o espanto com a aparente inexperiência da mulher. Era o segundo beijo que trocavam e ela parecia nunca ter sido beijada antes dele. Não quis pensar que o marido a tratasse mal, ou a deixasse desejosa - se Constance nunca conhecera o prazer, ele seria o responsável por apresentá-lo a ela. Segurando-a como se fosse delicada demais, ele a suspendeu do chão e a conduziu para a cama.



O MARQUÊS provavelmente não estava raciocinando direito, mas Constance não conseguiu chamá-lo à razão. Quando se sentiu presa entre o colchão e o corpanzil masculino que a envolvia por completo, se pegou ansiando por algo que desconhecia até o momento. Aquela intimidade *proibida*, quase *lasciva*, que nunca experimentara com ninguém.

Ele a beijava com adoração e desejo, sua língua explorando espaços e fazendo-a esquecer até do próprio nome. E então ele levou uma das mãos até seu roupão e desfez o laço, afastando a seda.

Constance estava subitamente muito exposta. A camisola que vestia era indecente, feita de musselina fina e quase transparente. Hertford não demonstrou nenhuma intenção de parar, descendo uma trilha de beijos por seu pescoço exposto. A barreira da renda em seu colo não o impediu, a boca a tocou por cima do tecido até chegar aos seios, que ansiavam por receber atenção. Segurou os mamilos entre os dedos e os pressionou, sentindo sua reação. Tudo que ela conseguia fazer era gemer e ofegar, envergonhada pelas reações exageradas de seu corpo.

— Não se reprima. — Hertford capturou um dos mamilos na boca, por cima da musselina. Sugou com força, fazendo com que ela estremecesse. — Nada a impede de sentir prazer com meu toque, Constance. Deixe seu corpo ditar os limites. Se for bom, deleite-se.

Ele sugou o outro mamilo e desceu as mãos, deslizando-as até segurar a barra da camisola e puxar para cima. Lentamente, descobriu suas panturrilhas, seus joelhos e parou quando o tecido chegou ao meio das coxas. Constance estava trêmula enquanto a boca habilidosa permanecia reverenciando seus seios de uma forma que ela não imaginava ser possível. Erguendo os olhos para a ver rendida aos carinhos libidinosos, ele levou uma das mãos até o meio de suas pernas e roçou as costas dos dedos em sua feminilidade. Ela reagiu, estremecendo. Ele sorriu e abriu seu sexo como se estivesse explorando um baú de tesouros.

Os beijos voltaram a descer enquanto os dedos dele a tocavam. Pressionavam, circulavam, penetravam - ela, sem pudor, reagia se contorcendo e desejando mais. Talvez ela pudesse estar confusa, mas o prazer era tão intenso que a deixou completamente atordoada. Hertford suspendeu ainda mais a camisola e a ergueu até os quadris. Com suavidade, fez com que ela abrisse as pernas e se acomodou entre elas, conduzindo os beijos para o centro de sua feminilidade. O arrebatamento a fez arquear as costas e jogar a cabeça para trás. A depravação do ato não a impediu de o aproveitar, como ele sugeriu que fizesse.

Logo, língua e lábios a faziam gemer e desarrumar os lençóis com seus dedos fincados no colchão. Ela se contorcia e estremeceu sob mãos

habilidosas que a acariciavam a pele enquanto Hertford a beijava até provocar uma sensação de comichão que subia pelo ventre.

Ele parou. Ergueu o olhar e a fitou por alguns segundos.

— Já senti isso antes, Constance? — Os olhos estavam escuros de desejo. Ela balançou a cabeça, negando. — Sabe o que você está sentindo? — Outra negativa e ele sorriu, devasso. — Permita-me explicar, então.

Ele voltou a beijar sua intimidade, daquela vez sem delicadeza. Penetrou-a com os dedos, lambeu e chupou seu centro de prazer, nunca explorado daquela forma, até que ondas a afogaram em sensações irresistíveis. Seu corpo parou de responder ao seu comando e reagiu violentamente aos carinhos. Segurando-a pelos quadris e impedindo que se afastasse, Hertford continuou a estimular o feixe de nervos intumescido, amplificando as sensações e fazendo com que Constance reprimisse um grito. Não estavam sozinhos, ela não podia ser pega em uma posição tão indecorosa quanto aquela - aberta sobre a cama, com um homem no meio de suas pernas.

Percebendo-a exaurida pelo clímax, Hertford sentou-se na cama, puxando-a para si. Abraçou-a e Constance pode acomodar-se no peito masculino que cheirava a madeira e suor. O esforço o deixou descabelado e com as roupas desgrenhadas - e ele ainda não se apresentara tão lindo.

— Espero que eu não tenha sido muito ousado. Certamente fui, porém não consegui resistir. Eu a desejo há bastante tempo.

Constance não conseguia articular as palavras de forma inteligível. Ela queria dizer algo, expressar sua estupefação com o que ele acabara de fazer, mas não conseguiu - apenas aninhou-se no abraço do marquês e o envolveu pela cintura, demonstrando que o queria por perto, que precisava daquele cuidado mesmo que nunca o tivesse recebido.



SORRINDO. O Marquês de Hertford acordou com um sorriso insuportável nos lábios e não conseguiu esconder de ninguém sua satisfação durante o desjejum. Georgie o fitou com curiosidade o tempo todo. Benedict não estava acordado ainda para acompanhar o restante da

família - era quase inacreditável que ele encontrasse tanta diversão depravada em Hampshire, mas o irmão tinha um talento nato para se envolver em confusão. Esperava-se apenas que não estivesse perdendo o dinheiro que eles não tinham - nem teriam, já que a decisão do marquês estava tomada. A não ser que Constance o rejeitasse, ele a desposaria. Ela se tornaria a Marquesa de Hertford e que se explodissem as dívidas - elas seriam pagas de alguma forma.

Depois da refeição, a irmã deixou a casa para um passeio na vila. Convidara Constance, que declinou alegando estar indisposta - uma desculpa que não parecia verdadeira. A governanta a convocou para conversarem sobre o cardápio do dia - uma das tarefas que ela assumira desde que chegara a Pinkerton Falls, e o marquês recolheu-se em seu escritório. Esperou algum tempo, quase uma hora, até pedir ao mordomo que a chamasse. Precisava terminar o que começara na noite anterior.

— Milorde?

A voz de Constance o atraíu. Ela entrou e parou no meio do escritório. Tinha as mãos reunidas na frente do corpo em uma postura de quem aguardava orientações - e não sabia o que fazer diante dele. Hertford ergueu-se, passou pela escrivaninha, segurou-a pela nuca e beijou-a nos lábios.

— Vamos encerrar de vez as formalidades entre nós. Case-se comigo. Ela suspirou e virou de costas para ele.

— Não posso fazer isso. Envolver-se comigo o arruinará.

— Já estou arruinado, irremediavelmente falido. Tenho um título sem posses. Não pretendo ter um casamento sem paixão e sei que não encontrarei o que desejo em nenhuma das jovens que vieram ao jantar.

— Não te darei um herdeiro.

— Tenho um irmão que assumirá esse encargo. Benedict herda o marquesado, ou seu filho herdará. Não importa, já que não haveria riqueza alguma envolvida nessa herança.

— Você não quer realmente casar-se comigo.

Ela voltou a olhar para ele e Hertford sentiu o impulso de gargalhar. Não o fez apenas por considerar que a ofenderia, mas era absurdo que aquela mulher se considerasse indigna de seu afeto.

— Sim, eu quero. Eu me apaixonei por você, Constance, e não estou

disposto a renunciar ao que sinto para pagar os débitos de meu pai. Case-se comigo.

Para demonstrar que dizia a verdade, pegou um objeto de dentro do bolso interno de seu colete e, segurando as mãos dela, depositou uma baixa de madrepérola sobre a palma. Constance o fitou em dúvida e ele indicou que ela deveria abrir. Dentro, um anel que fora confeccionado especialmente para ela - não um que estivesse esperando qualquer mulher que o desposasse, pois ela não era qualquer uma.

— Meu Deus, isso é magnífico.

— Não sou sendo romântico o suficiente. — Hertford pegou novamente a caixa e retirou o anel de dentro. — Lamento se não sei fazer isso, eu deveria ter lido alguns romances e aprendido a forma correta de propor casamento a uma mulher.

O marquês ajoelhou-se no meio do escritório, fazendo com que ela sobressaltasse. O assombro nos olhos de Constance podia ser lido de várias maneiras e ele esperava que fosse de surpresa e júbilo, não de susto.

— Constance, você aceitaria se tornar a minha esposa? Eu espero quanto tempo for necessário para que cumpra seu luto.

Ela levou as duas mãos à boca e escondeu um soluço. Os olhos marejaram. Hertford percebeu o brilho das lágrimas retidas nos orbes castanhos e ficou apreensivo - talvez estivesse fazendo tudo errado. Claro que estava, aquele certamente era o pior pedido de casamento da história. Deveria cortejá-la, dar tempo para que ela se restabelecesse da perda, para que ela se estabelecesse em Londres - mas ele estava ansioso. Era a primeira vez que se sentia daquela forma e não queria esperar para ter a mulher em seus braços, em sua cama, para torná-la sua esposa. Esperaria, sim, o luto, mas apenas isso, sabendo que ela seria dele ao final.

Hertford fechou a caixa e respirou fundo, imaginando que a expressão ela indicava que estava para lhe dizer um não. Mas Constance estendeu-lhe a mão e pediu que se levantasse. Um pouco confuso, ergueu-se e a fitou, entendendo que ela pretendia lhe dizer algo.

— Você sabe que será um escândalo? Que eu sou mais de uma década mais velha, que sou viúva, e que isso fechará portas para você?

— Tenho convivido com pessoas que souberam transformar um escândalo em riqueza. Os burgueses lidam um pouco melhor com situa-

ções como essa. Não me importa a sua idade. Se fecharem portas, abrimos outras.

Constance sorriu e pegou a caixa com a joia de suas mãos. Abriu-a e retirou o anel, segurando-o em sua palma. Depois, depositou-o na mão de Hertford e o encarou.

— Eu também me apaixonei, Thaddeus. Então sim, eu aceito casar-me com você.

Alívio quase o derrubou ao chão. O marquês estava trêmulo quando colocou o anel nos dedos de sua noiva, mas o sorriso que ergueu os cantos de seus lábios não escondia sua felicidade.

Capítulo Cinco

Constance precisava contar a ele, mas aproveitaria o júbilo por mais alguns instantes. Hertford a desejava e pretendia casar-se com ela mesmo sem saber que ela herdara uma pequena fortuna. Estava preparada para oferecer a ele o dinheiro necessário para salvar o marquesado e evitar que aquele homem por quem estava fascinada se casasse por mero capricho financeiro. Queria dar a ele escolhas - as que ela não teve. Sabia quem a dor que era unir-se a alguém que só se interessava por seu dinheiro. Mas ele fora tão rápido em seduzi-la e declarar-se que ela, atordoada, nem conseguiu dizer nada.

— Anunciarei aos meus irmãos no jantar. — Disse o marquês, servindo um *brandy* para os dois. Constance não costumava beber, mas estava disposta a fazer uma exceção para celebrar aquele momento. — Pedirei discrição para garantir respeito a você.

— Eu estive considerando que, se for de seu desejo, não preciso cumprir o período de luto. Não creio que Walter deva atrapalhar minha felicidade mesmo quando já não se encontra mais entre nós.

Hertford sentou-se ao lado dela e entregou a bebida. Seu olhar curioso era indecifrável.

— Estou disposto a esperar.

— Mas eu não.

Ela bebeu um gole do *brandy* e sua garganta ardeu. Estava

sendo audaciosa e nunca tivera um momento de atrevimento em toda a sua vida. Não queria esperar para se tornar uma marquesa, para viver ao lado de um homem que a respeitava e aproveitar alguns prazeres carnavais que ele lhe apresentara na noite anterior. Ela precisava sentir aquilo novamente. Precisava senti-lo por inteiro. Tocar, beijar e passar uma noite inteira naqueles braços firmes e sedutores.

— Então nos casaremos quando você quiser. Pode ser amanhã.

— Não podemos fazer isso... podemos?

O marquês riu e segurou em suas mãos suadas e nervosas. Beijou os dedos, beijou o anel que acabara de colocar ali, beijou a palma. Constance sentiu um calafrio percorrer sua coluna ao sentir a língua dele tocando-a.

— Eu consigo uma permissão especial de casamento com um estalar de dedos. Mas não precisamos de tanta pressa. Contaremos aos meus irmãos, ainda preciso explicar que estamos pobres.

Era o momento que ela aguardava para lhe dizer a verdade. Inverteu a posição das mãos, segurou as dele entre as suas e respirou profundamente.

— Não estamos.

— Não? — Hertford ergueu uma sobrancelha e a fitou.

— O dinheiro que Walter me deixou em testamento. Não estamos falando de uma quantia modesta por mês. Meu dote, quando me casei, era obsceno.

— *Obsceno?* — Ele repetiu, confuso.

— Sim, uma quantia absurdamente elevada. Não sei quanto são as dívidas do marquesado, mas é provável que minha herança as consiga quitar.

Hertford levantou-se e girou duas vezes em seu próprio eixo. Constance temeu o ter ofendido, afinal, homens eram sempre muito orgulhosos. Homens nobres eram duas vezes mais pedantes e sua oferta poderia ser mal interpretada. Mas, ao mesmo tempo, ele já estava mesmo disposto a se casar pelo dinheiro. A diferença, ali, era que o dinheiro vinha acompanhado da paixão.

— Meu Deus, você é rica.

— Eu *estou* rica. — Ela sorriu. — Perdoe-me não ter contado isso

antes, mas eu não pensei em nada, estive absorta pelo ocorrido com Walter e acabei sendo negligente.

Segurando-a pelos dois braços, o marquês a puxou para cima e assaltou sua boca. Foi um beijo ansioso e pleno de desejo e retribuição - beijos aos quais ela não estava acostumada.

— E eu pensando que a afundaria em desonra! — Hertford murmurou enquanto salpicava beijos em sua face e pescoço. — Desde a primeira vez em que a vi, tive certeza de que você seria minha salvação, Constance. Eu estava certo.

Sua boca foi novamente capturada pela dele e a conversa se encerrou.



O CASAMENTO não aconteceu na Capela São Jorge, como de praxe para a alta nobreza. Hertford não pretendia expor sua futura mulher ao escrutínio das fofoqueiras e cruéis damas da alta sociedade, que adorariam servir Constance em uma bandeja de prata. Georgie organizou uma pequena cerimônia na capela em Pinkerton Falls, com o vigário da vila e poucos convidados.

Em um primeiro momento, teve medo de que Constance se incomodasse com a ideia de realizar um casamento simples, mas ela demonstrou preferência por um evento sem festas. Já tivera um casamento pomposo e não fora nem remotamente feliz. Mesmo sem ser supersticiosa, ela preferia fazer diferente daquela vez. Os festejos na propriedade da família se estenderam até a noite, mas Hertford não via a hora em que todos os convidados se retirassem. Os aposentos das visitas foram organizados na ala leste da casa e sua suíte ficava na ala oeste, permitindo que tivesse privacidade suficiente com sua esposa.

Constance estava nervosa. Quando ele entrou no quarto, vindo do banheiro anexo, ela estava sentada em frente à penteadeira e pode notar que as mãos dela tremiam enquanto segurava a escova. Com um cabelo longo e cacheado, ela parecia uma ninfa vestida apenas com uma camisola de seda. Daquela vez, ele iria retirar cada pedaço de tecido e beijar cada polegada de pele exposta. Ele iria reverenciá-la e adorá-la como um bom amante deve fazer. A felicidade em casar-se com uma mulher adequada e por quem estava apaixonado enchia seu peito de sentimentos

inesperados e ele queria compartilhar todos com ela. Fazê-la feliz era sua mais nova missão pessoal.

E, naquele momento, ele lhe ensinaria sobre desejo e prazer carnal.

Ajoelhou-se ao lado dela, tomou a escova de suas mãos e a beijou brevemente. Constance retribuiu o toque de lábios e ele se levantou com ela nos braços. Era uma mulher pequena e delicada que aparentava ser mais jovem do que realmente era. Depositou-a no sobre os lençóis brancos e se deitou sobre ela, suportando o peso de seu corpo com os cotovelos apoiados no colchão. Beijou-a com mais intensidade, buscando espaço para sua língua, ansiando por explorá-la por inteiro. Constance gemeu quando seus quadris pressionaram os dela e cravou os dedos em suas costas.

Ela não era uma mulher inexperiente, mas também não parecia muito versada nas práticas do sexo. Entendera que o marido a deixava abandonada, era tratada como um acessório para ser exibida em ocasiões específicas. Não admitiria que Constance se sentisse em segundo plano em sua vida. Sua esposa, a Marquesa de Hertford, seria a senhora de um império, algum dia. E era irrelevante, naquele momento, que eles não tivessem um herdeiro. Hertford nunca fora muito bom em lidar com crianças - o destino mais uma vez lhe sorria com a possibilidade de transferir a responsabilidade do marquesado para seu irmão.

— Toque-me. — Ele murmurou nos ouvidos dela. — Eu sei que você quer.

Com um gemido lamurioso, ela deslizou as mãos para dentro da camisa que ele usava, fazendo com que ele estremecesse. Para a acompanhar, Hertford abriu os botões da camisola que vestia e começou a descobri-la lentamente. Constance arqueou as costas para aproveitar o toque de seus dedos enquanto trabalhava para o livrar das calças. Ele não pretendia apressar o processo de sedução, mas, quando ela o despiu e sua carne entrou em contato com a feminilidade úmida, Hertford quase perdeu a cabeça.

Ajoelhou-se na cama, arrancou a camisa pelo pescoço, sem nem mesmo abrir os botões, terminou de retirar as calças e fez o mesmo com ela. Constance lhe sorria enquanto ele parecia um pouco desesperado para a possuir, o que era ridículo. Um homem como o Marquês de Hertford, cuja cama nunca ficara vazia se assim não desejasse, não deveria

nem mesmo parecer ansioso em relação ao sexo. Mas ele estava, e demonstrou isso com dedos trêmulos e respiração ofegante. Voltou a beijá-la e agradeceu o abraço que a fez puxá-lo para mais perto.

Constance afundou o rosto em seu pescoço e gemeu quando ele permitiu que sua ereção a acariciasse exatamente ali, na femilidade pulsante. Os quadris dela se ergueram para aumentar a proximidade e ele gastou algum tempo movendo-se sobre ela sem a penetrar, garantindo que estivesse excitada o suficiente, clamando por ser possuída.

— Thad, por favor. — Ela reclamou, rendida aos carinhos que ele dedicava aos seios expostos. Constance era deliciosa, doce e salgada, e sua timidez não velada o deixava ainda mais excitado.

Querendo ser gentil, ele investiu seus quadris contra ela, penetrando-a devagar. Constance ergueu o corpo, fazendo com que ele fosse mais fundo. Ela grunhiu de prazer e era exatamente o que ele queria ouvir. Precisava ouvir. O controle o abandonou e, sem tirar os lábios dela, Hertford moveu-se entrando e saindo, indo e vindo enquanto a sentia cada vez mais abandonada e entregue.

Conduzindo sua mão até o lugar onde os corpos se uniam, ele encontrou o ponto sensível que pedia por seu toque e o acariciou com o polegar. Constance fechou os olhos, cruzou as pernas ao seu redor e explodiu em um êxtase glorioso. A contração dos músculos dela ao redor de seu membro o arrastou para o orgasmo, forçando-o a acompanhá-la naquela jornada.



BASTANTE TEMPO se passou até que ela conseguisse recuperar o controle de seu próprio corpo. Constance não estava preparada para sentir tanto prazer no intercursos sexual. Ela sabia que não era desagradável, que seu problema era ter um marido mais interessado em dar atenção às amantes do que à esposa. As mulheres conversavam, muitas nunca experimentaram prazer com seus companheiros - mas algumas tiveram mais sorte. E ela passara a fazer parte daquele seleto número de esposas que conquistara um marido que a levaria à loucura.

Seria sempre daquela forma? Estaria Hertford sempre disposto a dar mais do que receber? Deitada em seus braços masculinos, sentindo a

fragrância amadeirada misturada ao suor da pele do marquês, ela suspeitou que sim. Ele a segurava como se fosse preciosa e a acariciava com ternura, o suficiente para provocá-la a dormir. Constance sabia que ela não poderia ser tudo que ele precisava - não era jovem o suficiente e não lhe daria um herdeiro. Mas pretendia que seu casamento fosse, daquela vez, totalmente diferente do anterior.



EM SUA PRIMEIRA vez em Londres, Constance achou a cidade muito bonita. Estava acostumada a grandes centros, apinhados de pessoas, cavalos, carruagens e trens. Nova Iorque crescia vertiginosamente a cada dia, então a corte britânica não a intimidava. Não podia dizer o mesmo da sociedade que nela habitava. Pessoas horríveis, em geral, prontas para julgar e condenar qualquer um que desviasse um centímetro do padrão de comportamento divino estabelecido por alguém - sendo que os juízes e executores, quase todos, carregavam pecados geralmente mais graves do que aqueles que se propunham a condenar.

Talvez ela não se importasse se isso não afetasse a família Pinkerton. Se portas se fechassem para Hertford, também se fechariam para Lady Georgiana e isso ela não admitiria. Aprendera a adorar a jovem dama e sua vivacidade. Bennedict pouco se importava com sua própria reputação e era capaz de arruiná-la por si só, mas Georgie, que faria sua segunda temporada, precisava de toda aceitação possível.

Foi alentador quando recebeu um convite para visitar uma duquesa. A correspondência, entregue por um criado pessoal do Duque de Shaftesbury, estava assinada por Elizabeth Trowsdale, e a convidava para um chá entre amigas. Ela não tinha amigas em Londres, mas adoraria fazer algumas.

— O duque é um homem poderoso. — Hertford disse, enquanto almoçavam. — Ele é sócio de homens igualmente poderosos. Juntos, praticamente controlam a cidade. Como eu duvido que sua esposa esteja interessada em causar-lhe dano, sua presença nesse chá poderá ser muito interessante para meus futuros negócios.

Depois de receber o dinheiro da herança, Constance entregou tudo ao marquês para que saldasse as dívidas do marquesado e investisse em

indústria e comércio, como pretendia. Manteve para si a propriedade em Boston, mas acreditava que não precisaria dela.

— Por que acha que ela quer me conhecer?

— Bem, dois motivos. O primeiro é que a irmã do duque é casada com o Conde de Cornwall, irmão de Nathaniel McFadden. O segundo é que a família é atraída por escândalos. A duquesa era uma comum, plebeia, governanta da família quando se casou. Trowsdale não se importa muito com sua reputação na alta sociedade, ele circula mais entre a burguesia e seu dinheiro faz com que seja aceito em qualquer lugar.

— Oh. Então eles possuem relação com o marido de Lucille?

— Sim.

Aquilo seria interessante. Constance já confirmara sua presença e aguardou ansiosa o horário para encontrar-se com aquela mulher que poderia ser sua ruína ou sua ascensão na sociedade londrina. Uma carruagem da família Pinkerton a conduziu até a Trowsdale House, uma magnífica construção com fachada de mármore e jardins imensos, e um mordomo impecavelmente vestido a guiou até o salão de chá - que mais parecia um berçário. Quatro mulheres estavam reunidas enquanto várias crianças se espalhavam pelo espaço, brincando, observadas por duas babás.

— Sua Graça, a Marquesa de Hertford.

O mordomo a anunciou e a conversa imediatamente parou. A mulher mais loira, com olhos magnificamente azuis e uma expressão amistosa se levantou e caminhou até ela.

— Ah, que honra recebê-la!

— A honra é minha, Sua Graça.

Constance fez uma reverência, mas a mulher balançou a cabeça.

— Por favor, chame-me Elizabeth. Quando soubemos de você, precisávamos conhecê-la. Vou apresentá-la às mulheres.

As mulheres que souberam dela por uma correspondência de Londres. Isaac, o marido de uma delas, escrevera pedindo que a acolhessem, e era aquilo que faziam - acolhiam mulheres que estavam no limiar de serem rechaçadas pela sociedade cruel. As crianças eram os filhos e filhas, que não eram ignorados por suas mães como a maioria.

O grupo era exótico. Conversavam aberta e amigavelmente e fizeram

de tudo para mantê-la confortável. Ninguém fez perguntas intrusivas nem demonstrou curiosidade em sua idade. Constance quase esqueceu da hora e, quando notou o relógio, ele marcava quase sete horas. Era bastante tarde e ela precisava retornar para casa.

— Elizabeth, eu não tenho palavras para agradecer ao convite, porém preciso me retirar.

— Acho que perdemos a hora novamente. — A Condessa de Cornwall deu uma risadinha.

— Sempre conversamos mais do que deveríamos. — Lady Wilhelmina, a única casada com um plebeu, pegou um bebê ruivo que chorava no colo da babá. — Joseph sempre me lembra do horário, no entanto.

A dama ajeitou o bebê para amamentá-lo. Constance nunca amamentara em público, sempre envergonhada acreditando que o ato era obsceno. A cena a fez com que seu coração aquecesse. Levantou-se para despedir-se da anfitriã e uma vertigem a derrubou novamente na cadeira.

— Você está bem, Constance? — Elizabeth a fitou, preocupada.

— Acho que me ergui rápido demais e fiquei zonha.

— Ah, isso me acontece com frequência. Lady Caroline riu. — Acho que sou mais rápida que meu próprio corpo. Vamos, eu a acompanho até a porta para aguardar sua carruagem.

A lady a ajudou a levantar e segurou-a pelo braço. Depois das despedidas de praxe, Constance voltou para casa sentindo ainda um mal estar incomum. Acreditou ser culpa do excesso dos dias na cidade grande - menos passeios ao sol e um ritmo mais frenético que a deixara, provavelmente, excitada demais.



QUANDO CONSTANCE DISSE que não se sentia bem e que se retiraria cedo, Hertford acreditou que algo acontecera na Trowsdale House. Interrogou-a, mas a marquesa foi categórica em afirmar que fora muito bem tratada e que adorou conhecer a duquesa e suas amigas. Ele então considerou que ela estivesse apenas cansada. Mas, na manhã seguinte, ela continuava indisposta. Levantou-se mais de uma vez durante a noite e despejou todo o despejo no sanitário.

Sem dar espaço para que ela discordasse, chamou o doutor. Constance era uma mulher ativa e muito jovial, ele não a vira adoecer desde que se conheceram. Por um instante, Hertford temeu que a esposa tivesse acometida de alguma doença e isso o apavorou. Relutante, ela concordou em ser examinada e o marquês recusou-se a sair do quarto.

— Marquesa, preciso perguntar quando foi a última vez que a senhora observou suas regras femininas.

Hertford prestou atenção.

— Eu não me recordo exatamente. Minhas regras sempre foram um pouco irregulares, doutor.

— Entendo. Mas a senhora teve filhos?

— Sim, três. Saudáveis.

— Certo. Bem, eu poderia dizer que precisamos de mais exames, mas acredito que não será necessário, haja vista minha experiência em situações como esta. A senhora está grávida.

Constance arregalou os olhos em susto e Hertford pulou da cadeira. Estava sentado próximo à lareira, tentando dar privacidade para o doutor, porém observando discretamente todo o evento. A afirmação de que sua esposa estava esperando um bebê o atordoou.

— Oh. Eu pensei que isso não era possível. — Ela disse, a voz baixa e trêmula. — Quer dizer, eu não sou mais jovem.

— Preciso dizer que não é sempre que vejo uma mulher de sua idade com um intervalo tão grande entre filhos. Mas é possível, tanto que aconteceu.

O doutor possuía um sorriso reconfortante. Hertford não percebeu que escalara a cama e estava sentado ao lado da esposa, já segurando a mão dela entre as suas.

— Ela corre algum risco, doutor?

— Toda gestação é um risco, milorde. Mas ela já pariu três crianças, não creio que teremos dificuldades aqui. Ainda assim, recomendo tranquilidade e repouso. Evite atividades intensas. Deixarei algumas prescrições com o mordomo, agora recomendo que a marquesa se alimente e descanse.

Depois de recolocar seu chapéu, o doutor despediu-se do casal e deixou o quarto, acompanhado pelo mordomo. Hertford ainda não conseguia coordenar os pensamentos com lógica. Foi o sorriso tranqüili-

zador de Constance e o carinho dos dedos dela nos seus que o fez respirar pela primeira vez desde que recebera a notícia.

— Você terá seu herdeiro, Thad. — Ela levou a mão até sua face e tocou seu queixo. — Eu estava tão preocupada com isso... agora temos uma família completa.

E ele duvidava que pudesse amá-la mais - mas aquela mulher o surpreendia todo dia.

— Meu Deus, você é maravilhosa. — Curvando-se sobre ela, beijou-a nos lábios. — Mas não faça apostas, ainda. Pode ser uma menina.

Uma menina que ele adoraria com todo seu ser e mimaria até que ela se tornasse adulta. E, depois, ele não a deixaria casar, pois não aceitaria a entregar para outro homem. Se fosse uma menina, Hertford estaria tão feliz quanto se fosse o herdeiro de que necessitava. Para garantir isso a ela, puxou Constance para si e a beijou profundamente. A melhor parte de sua vida começou quando tomou a decisão de liberar a prometida de seu pai para a felicidade - aquele gesto garantiu que toda bondade e gentileza do mundo recaísse sobre si, na forma da mulher que ele amava.

Que, depois de sete meses, deu à luz Henry Pinkerton, o sétimo Visconde Exmouth.

